

## **A CRÍTICA DA ELITE LETRADA À INCORPORAÇÃO DO “HOMEM-MASSA” NA ARGENTINA DA DÉCADA DE 1940: A REVISTA SUR EM CONFRONTO COM O PERONISMO.**

ALEXANDRA DIAS FERRAZ TEDESCO<sup>1</sup>.

A reflexão acerca da crítica da elite letrada de Buenos Aires à incorporação do “homem-massa” na política argentina da década de 1940 está atrelada a uma vasta gama de processos e conflitos sociais, culturais e econômicos que perpassam as novas formas de organização social e política no ocidente a partir de meados do século XX. Trata-se, no caso argentino, do aparecimento ou amadurecimento de contradições inerentes ao processo de modernização latino-americana e às formas pelas quais os grupos sociais vivenciaram e interpretaram as condições políticas e sociais da modernidade. Assim, partimos de uma reflexão acerca das condições mesmas da modernidade ocidental, principalmente no que tange às transformações no papel dos homens de letras diante da ampliação das esferas de legitimidade outorgadas pelas novas categorias do Estado-nação pós 1789 para chegarmos, através de uma perspectiva particularizada, a compreender como esse processo se dá na Argentina e, mais especificamente, na época peronista, quando localizamos a definitiva agudização das contradições sociais da modernidade no país e quando se produzem as definitivas tentativas de inserir a Argentina na modernidade ocidental, tanto econômica como política e culturalmente.

O início do século XX engendra uma mudança na fisionomia e na função da elite letrada ocidental, atrelada à nova fisionomia da modernidade, marcada pelo trauma da guerra mundial e dos conflitos de descolonização. Se antes os intelectuais, na metáfora de Bauman, exerciam uma função de “legisladores”, responsáveis pela formulação e delimitação dos códigos culturais e das normas de comportamento, nas primeiras décadas do século XX a emergência dos movimentos nazi-fascistas e a crescente onda de autoritarismo que recobre desde a Espanha até o Uruguai ou o Brasil, é um indicativo de que o Estado encontrou meios mais eficientes de legitimação do poder: o consenso através da mobilização das massas, a formação de uma opinião

---

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em História da UNESP, campus de Franca. Bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

pública favorável ao protagonismo estatal, e a criação de toda uma simbologia que será, posteriormente, parte integrante das mobilizações nazistas, fascistas etc. O nacionalismo, assim, substitui o universalismo das luzes.

Nesse momento, segundo Alain Touraine, “*após séculos de modernismo (...) as relações entre os intelectuais e a história desarranjam-se no século XX*” (2009:159). O mundo onírico das luzes iluministas é rompido pela força da opinião pública, pelo arrebatamento da multidão e pela irracionalidade das novas formas políticas. Um sentimento de catástrofe e de erosão perpassa toda a reflexão dos intelectuais nesse momento, desde a França, a Inglaterra e a Alemanha, passando pelos Estados Unidos até a América Latina. Assim, consideramos que é a partir desse contexto de âmbito ocidental que é possível pensar a respeito da crítica da elite anti-peronista aos projetos do governo instaurado em 1946, baseado essencialmente na incorporação das “massas” na cena política.

O peronismo, precisamente por ser esse momento de agudização das contradições da Argentina moderna, é um dos temas mais recorrentes na historiografia argentina. Para Federico Neiburg, entender o peronismo significou, durante muito tempo, entender a Argentina. Dentro dessa temática, o núcleo das discussões historiográficas girou, durante longo período, em torno da adesão dos sindicatos e organizações operárias ao projeto peronista, numa atitude supostamente “ambigua”<sup>2</sup>. A imensa maioria dos estudos até a década de 1980 foi sumamente influenciada, nesse sentido, pelos estudos do sociólogo Gino Germani e pelo instituto Torquato di Tella. Para Germani, e para seus posteriores defensores, a América Latina teria fracassado terminantemente nas tentativas de integração política e desse preciso contexto surgiriam os movimentos “nacional-populares”, na medida em que as classes populares, não tendo canais de participação política efetiva nem tampouco uma maturidade para conduzir suas lutas, ficavam numa espécie de limbo a espera de um líder capaz de operacionalizar suas demandas, como Perón<sup>3</sup>. Sua proposta analítica de disponibilidade

---

<sup>2</sup> Algumas análises mais recentes, todavia, apontam que a adesão do operariado ao projeto peronista não foi uma atitude ambigua, na medida em que existia uma forte tradição reformista no sindicatos argentinos, aliada à inconsistência da crítica comunista diante das medidas efetivas do governo peronista. O peronismo seria, assim, o resultado de uma dinâmica social, bem mais do que um evento nefasto na história do sindicalismo argentino. Ver Murmis e Portantiero.

<sup>3</sup> Tal perspectiva insere-se na proposta de análise dos conflitos latino-americanos a partir do conceito de “dualismo estrutural”. Ver Marcos Kaplan.

da classe operária parecia dar conta de explicar não somente o peronismo, mas também a anterior ascensão de Yrigoyen e a própria queda desses regimes, conferindo uma espécie de racionalidade estrutural ao processo de incorporação das massas na política argentina, na medida em que qualificava o momento de “rompante” peronista como reflexo de uma crise sistêmica proporcionada pela coexistência de formas sociais de diferentes épocas num mesmo contexto histórico<sup>4</sup>.

Essa proposta norteou, durante muito tempo, a tentativa dos setores de oposição ao peronismo de eliminar as heranças políticas que perduraram após a queda do regime, já que o Partido Peronista continuou, ainda que com Perón exilado, a informar grande parte do movimento operário e da esquerda nacionalista argentina. Todavia, a partir da década de 1980, com o desenvolvimento de pesquisas conceituais acerca do populismo e da retomada da possibilidade de análise do fenômeno político como categoria relativamente autônoma, a tese de Germani passa a ser preterida na análise de *fenômenos* como o peronista, e abriu-se então espaço para a tentativa de compreensão das contradições do período sob uma perspectiva mais abrangente, que levasse em conta uma multiplicidade de fatores que se condensaram no regime peronista, mas que estavam sobremaneira atrelados à maneira pela qual a Argentina se localizava nos processos da modernidade ocidental.

Essas novas interpretações a respeito da relação política entre novos setores da sociedade e um Estado forte e baseado na política do Bem Estar, abriram portanto caminho para interpretações plurais e multi-facetadas, como as dos brasileiros Francisco Weffort e Octavio Ianni<sup>5</sup>. Nossa reflexão está portanto inserida nesses novos espaços de análise, baseada em uma perspectiva que leve em conta a crítica ao populismo como teoria explicativa<sup>6</sup> para a América Latina sem contudo ignorar a relevância que as interpretações do populismo tiveram como maneiras avaliar ou desautorizar determinadas políticas e práticas durante todo o século XX latinoamericano.

Francisco Panizza (2009), em sua introdução à obra coletiva “El populismo

---

<sup>4</sup> Tal perspectiva corresponde, segundo Sirinelli in REMOND, R. À uma tendência da historiografia pré-1970, que buscava sobremaneira sistematizar os comportamentos coletivos, deixando em segundo plano os atores individuais e as forças sociais mais heterogêneas.

<sup>5</sup> Para Alberto Aggio (2003) essas interpretações, influenciadas pela Teoria da Dependência e pelo marxismo, “associou o populismo ao processo de industrialização substitutiva de importações e às particularidades do desenvolvimento do capitalismo na América Latina” (152).

<sup>6</sup> Ver Aggio e Panizza.

como espejo de la democracia”, nos auxilia a compreender que, embora o termo populista tenha sido interpretado sob diversos pontos de vista e que resulta redundante alertar para a multiplicidade de perspectivas e discordâncias, o termo “*se tornou uma atribuição analítica, mais que um termo com o qual a maioria dos atores políticos se identificaria com gosto*” (2009:09)<sup>7</sup>. Assim, delimitamos um núcleo analítico possível de ser rastreado a partir de 3 perspectivas principais: as que compreendem o populismo a partir de generalizações empíricas, listando pontos em comum de regimes e formas políticas visivelmente díspares, aquelas em que o populismo é interpretado a partir de uma perspectiva historicista, vinculando o conceito à um determinado contexto histórico<sup>8</sup> e aquelas que, por outro lado, compreendem o populismo como um discurso simplificador do espaço político, baseado no antagonismo entre o *povo* e os outros.

O também argentino Ernesto Laclau, pontua, nesse sentido, que o populismo não é uma anomalia, como queria Germani. Recuando a análise dos movimentos populistas às primeiras manifestações de psicologia das massas, no século XIX, os estudos influenciados nesse sentido inserem a categoria de “povo” num espaço próprio, que processa a realidade externa e não deixa, por isso, de construir seus espaços de sociabilidade e relação particularizada com a política. Dessa forma, a abertura conceitual auxiliou a historiografia sobre o tema a desmitificar o conceito de “manipulação”, situando-o numa perspectiva mais complexa e mais dialética.

Panizza nos lembra, ainda, que intérpretes clássicos do populismo como Canovan, Worsley e o próprio Laclau, concordam em que a construção de identidades populares é central no populismo. Como não pretendemos, nesse momento, elaborar uma discussão profunda que abarque todas as interpretações do populismo, que não são poucas, nos centraremos na perspectiva que insere esse conceito e essa prática numa dicotomização do espaço político, num processo de redefinição das fronteiras sociais e num conjunto de descontentamentos cristalizado politicamente em uma conjuntura de crise

Diante da enormidade de estudos conceituais sobre o populismo na

---

<sup>7</sup> As traduções do espanhol são de nossa responsabilidade. Somente os documentos referentes à Revista Sur constam no original em espanhol.

<sup>8</sup> Essa interpretação, refletida na obra de Germani e de muitos outros intérpretes da América Latina, atribuem às décadas de 1930 e 1940 uma tal conjuntura social, política e econômica que fertiliza, na sociedade civil, a tendência de adesão à formas populistas.

contemporaneidade é interessante considerar que essa incorporação das massas na política latino-americana, salvo raras exceções, é pensado em termos de processo unanimemente político, ocorrido no âmbito da representatividade. Posto o peronismo na larga categoria de populismo, ele passa a ser compreendido como um dilema político, pautando-se sobretudo em expectativas políticas não absorvidas e numa suposta “crise do transformismo” razoavelmente recorrente em países em vias de modernização.<sup>9</sup>

Pontuamos, assim, que esse contexto de emergência de novos setores está conectado à uma ampla mudança nas relações socio-políticas latinoamericanas e argentinas, especificamente. Como pontua Aggio (2003), as “ondas de modernização” da América Latina, especialmente a que compreende o período de 1930-1940, refletem uma conjuntura de crise dos mecanismos políticos de absorção da oligarquia liberal. Compreendendo, assim, que a rejeição da elite letrada bonaerense aos processos de modernização ocorridos na década de 1940 deve ser pensada sob diversos aspectos, pretendemos aqui analisar o alcance e a forma dessa crítica que se reveste, em muitos momentos, de uma posição de resistência efetiva.

A análise do periódico *Sur*, dirigido por Victoria Ocampo, pode nos auxiliar na compreensão das relações entre a elite letrada argentina e o governo peronista na medida em que (1) fornece uma visão ampla do processo, baseada na perspectiva de diversos campos que se encontram em entrecruzamentos de disputas e alianças e (2) é responsável por grande parte dos diálogos com outras revistas e grupos, como nos mostra Silva em sua análise sobre o campo cultural argentino da década de 1940 e (3) aglutina parte considerável da oposição ao projeto peronista, desde liberais à anarquistas e pacifistas, passando pelas correntes sindicalistas que foram excluídas do eixo peronista.

O projeto de industrialização peronista se choca em diversos pontos com a proposta de industrialização reivindicada pela elite agrária liberal, hegemônica na dirigência do país desde Caseros até o final da década de 1930, e é nesse sentido que Mônica Peralta nos indica que a política distributiva peronista e o surgimento de uma classe operária organizada “*marca o limite de uma determinada aliança de classes no poder*” (1978: 38), e o fim das possibilidades de ajuste entre Perón e os proprietários

---

<sup>9</sup> Esse é o ponto de vista de Del Roio expresso na obra *Pensar o Século XX*, organizada por Alberto Aggio e Milton Lahuerta.

rurais. Situamos aqui, dessa forma, uma inadequação programática, uma disparidade de métodos entre a proposta de industrialização da elite agrária e a proposta do governo, balizada pelo efetivo obreirismo de Perón<sup>10</sup>, circunstanciando o fortalecimento de comportamentos cesaristas por parte do governo peronista.

Segundo Graciarena, se num primeiro momento a oligarquia consegue encontrar seu espaço na nova configuração, as concessões a que é paulatinamente forçada a fazer acaba por desconfigura-la e desestabiliza-la como classe num momento posterior. O surgimento da proposta peronista, portanto, se relaciona com a necessidade de integrar politicamente a grande massa de imigrantes e migrantes rurais que se acumulavam na periferia das grandes cidades, por meio da unificação em torno de objetivos e símbolos políticos comuns. O grupo social com o qual Perón antagoniza é justamente essa oligarquia, excluída de sua retórica obreirista. Com sua política deliberada de incorporação de tipos sociais e a transferência da ênfase de apoio estatal do campo para a indústria, Perón localiza sua base social de apoio na pequena e média burguesia, no exército, e nos sindicatos, fortalecendo o antagonismo político entre o *pueblo* e os outros. Nesse sentido, Panizza (2010) salienta que a construção da categoria do povo é fundamental à esse tipo de regime, na medida em que contribui para a delimitação de novas hierarquias e fronteiras no espaço político.

Dessa forma, temos que o início do governo peronista se dá num contexto de crise política e econômica notada principalmente no que diz respeito às relações entre o Estado e a oligarquia. Em síntese, portanto, é essa sociedade que o peronismo recebe para realizar suas propostas. Trata-se da emergência da modernidade capitalista a partir de estruturas pontuais da velha ordem, num movimento de pressão das classes subalternas em relação à ampliação das fronteiras política, diante da qual as classes dominantes se organizam para conduzir pacificamente o processo, sem rompimentos e fissuras graves no bloco de poder. Nesse mesmo sentido, Laclau dá destaque para a forma com a qual o peronismo associou o liberalismo aos interesses *sórdidos* da oligarquia, driblando politicamente o fato de que as ideologias de classes não constituem fatores herméticos. Em suas palavras, o movimento liderado pelo coronel Perón

---

<sup>10</sup> Tal crise de legitimidade pode ser compreendida através da alcunha que a historiografia argentina criou para a década de 1930: “a década infame”.

consistiu, essencialmente, em permitir a subsistência de várias elites que baseavam seu apoio ao regime em projetos articulatórios antagônicos, e na afirmação do poder do estado como força mediadora entre eles (2005: 203).

Trata-se de um processo de modernização definido mundialmente, e nisso reside seu interesse para a compreensão das formas políticas modernizantes. No caso argentino, a resposta à essa modernização vem carregada de uma perene desconfiança e temor por parte da elite letrada argentina, e é expressa através de uma vasta gama de intelectuais formados na escola do liberalismo cosmopolita – esse processo de resistência é radicalizado em Buenos Aires, dada a centralidade da capital como contexto da modernização e cenário da maior parte dos debates públicos. Partindo da assertiva de que analisar as formas e o alcance dessa resposta da elite ao advento da cultura de massas em termos de “a oligarquia pensa dessa forma” ou “a burguesia toma determinada postura” é pressupor a existência de uma espécie de consciência coletiva inexistente, questionamos assim o automatismo que engessa a análise desses grupos em termos de correspondência mecânica entre a posição socioeconômica de determinados setores da elite e sua expressão nos campos político e cultural.

Todavia, argumentamos no sentido de que, quando se trata de um fenômeno cultural, é preciso manter em mente que as relações materiais estão subjetivadas nas práticas dos indivíduos e nas suas sociabilidades. Dessa forma, acreditamos que a análise dessa conjuntura através da revista *Sur* justifica-se na medida em que a oligarquia assume a defesa de suas posições baseada, principalmente, numa retórica culturalista, e como a *Sur* aglutinou parte considerável da oposição a Perón (dentre eles uma gama vasta de pacifistas, comunistas e sindicalistas fora do apoio ao governo) é possível identificar os elementos especialmente tangentes à essa defesa elitista, analisando essencialmente o projeto que os intelectuais de *Sur* pretendem opôr à sociedade de massas. Analisamos assim a revista em termos de sociabilidade intelectual, nos termos em que pontua Sirinelli<sup>11</sup>. Tomamos por base o período de 1935 à 1955, ou

---

<sup>11</sup> A proposta do autor baseia-se em que uma revista ou um grupo intelectual atua geralmente em rede, relacionando seus membros de forma a destacar que “*as redes secretam, na verdade, microclimas à sombra dos quais a atividade e o comportamento dos intelectuais envolvidos frequentemente*

seja, desde a radicalização das tensões que levariam ao golpe que acabou por colocar Perón no poder (e momento também em que Sur se projeta concretamente no debate político e intelectual da época) até a queda do regime, com o golpe de 1955 (ponto de inflexão de Sur, onde novas interlocuções passam a ser priorizadas, no sentido de elaborar um plano de “reconstrução nacional”).

Muitos intérpretes nos auxiliam na compreensão dessa relação paradoxal dos intelectuais com os processos de modernização social e massificação da cultura. Para Touraine *“eles (os intelectuais) queimaram o que haviam adorado e denunciaram o mundo moderno como destruidor da razão, o que satisfazia tanto o seu elitismo antimassas como sua hostilidade contra o autoritarismo das ditaduras modernizadoras”* (2009:160).

Como salienta Ismael Saz (2003) é preciso conferir um sentido ontológico ao mapeamento dessas “massas” para que se possa compreender, efetivamente, quais os interlocutores políticos que compõe o espaço dos debates entre os intelectuais nesse período. Embora a caracterização de “massas” hoje tenha adquirido um sentido bem mais dialético e seja assumidamente tratado como uma construção do discurso político, a década de 1940 forjou, com o apoio de uma teoria socio-darwinista que se desenvolvia na Europa desde meados de séculos XIX, uma concepção essencialmente negativa das “massas”, tratando-as como um elemento perigoso, ameaçador e apocalíptico, como podemos perceber a partir da influência que teóricos como Ortega tiveram nas formulações dos intelectuais argentinos do período.

Compreendendo que a inserção da cultura de massas esvaziava o poder de seu discurso, essa elite letrada condena, ultrajada, essa sociedade, apelando para a criação de novas instâncias de legitimidade. O culto ao valor de uso do trabalho coloca a arte em um patamar objeto: não tem valor de uso, sequer é útil. Dessa forma, por mais que não seja possível historiográfica ou sociologicamente associar imediatamente as posições de resistência desses intelectuais perante à sociedade de massas, à uma defesa dos interesses de uma “classe dominante coesa e homogênea”, fica patente que essa elite letrada está lutando contra um processo de dissolução dos valores aristocráticos, entre eles o culto ao mérito depositado na figura heróica do homem de letras.

O horror e o estupor da elite vernácula ante a projeção da multidão é

---

*apresentam traços específicos”* (252).



caracterizado por Benjamin em sua crítica à “era da reprodutibilidade técnica”, onde a fluidez do tempo e o caráter etéreo da cultura despojam a particularidade da obra de arte, causando mesmo a perda da aura na modernidade, a perda das funções rituais (1989:214). Para o espanhol Ortega y Gasset, razoavelmente distante da concepção crítica mas também manifestando o estuor diante desse processo de aceleração do tempo na modernidade, a fluidez da cultura de massas trás em seu bojo o fantasma da homogeneidade.

Essa nostalgia do Ser, comum à escola de Frankfurt, a Le Bon, a Nietzsche e a Ortega representa um profundo descontentamento com os intentos iluministas protagonizados pelos intelectuais do século XIX. Gasset pontua, nesse sentido, que a absorção do homem pela política é uma das faces desse fenômeno de ascensão do homem-massa. Para ele, o intelectual esclarece, enquanto a política confunde. O espanhol afirma, ainda que o tema da “justiça social”, tão comum à retórica da nova direita européia, não passa de um suspiro romântico, ao qual o homem massa, em sua imbecilidade, está pronto para encampar e tomar como seu. O totalitarismo, mais que um regime cruel, é uma afronta intelectual aos *constructos* cartesianos e iluministas defendidos pelos homens de letras.

A revista Sur, nesse contexto, é o pólo de onde os intelectuais anti-peronistas travam uma batalha pela arte erudita em franca oposição aos avanços da cultura de massa. Podemos perceber o alcance do temor desses setores elitistas quanto à sua própria existência enquanto componente da gestão política do país, na medida em que a diversificação das instâncias de consagração, no sentido em que pontua Bourdieu (2002), produz um irreversível processo de *ostracização* da função legitimadora da elite letrada. A arte erudita, focada na forma e na amplitude das questões filosóficas exige um código específico para seu entendimento. Esses códigos estão contidos na visão de mundo e na cultura política da república oligárquica, e é essa relação indireta porém visceral que podemos estabelecer entre a atuação dos intelectuais de Sur e a defesa de suas posições tradicionais, abarcando um projeto próprio para a nação que desse conta de superar o que Sur compreendia como as três fatalidades congênicas do argentino médio: ser humano, ser moderno, ser americano<sup>12</sup>

---

<sup>12</sup> Essas três fatalidades congênicas estão formuladas no texto de abertura do primeiro número de Sur, em 1931, assinado por Waldo Frank. Além disso, outros editoriais dos números subsequentes desenvolvem-se em consonância com a perspectiva de Frank, o que constitui um demonstrativo

A partir do conceito de hegemonia gramsciano, que é capaz de abarcar as mais diversas formas da experiência vivida e envolve a construção de uma visão de mundo dominante bastante ampla, pensamos essa disputa cultural manifesta em de Sur através da prerrogativa de Raymond Williams, quando este pontua que

A hegemonia é então não apenas o nível articulado superior de ‘ideologia’, nem são as suas formas de controle apenas as vistas habitualmente como ‘manipulação’ ou ‘dominação’. É todo um conjunto de práticas e expectativas, sobre a totalidade da vida: nossos sentidos e distribuição de energia, nossa percepção de nós mesmos e nosso mundo. É um sistema vivido de significados e valores –constitutivo e constituidor– que, ao serem experimentados como prática, parecem confirmar-se reciprocamente. Constitui assim um senso da realidade para a maioria das pessoas na sociedade, um senso de realidade absoluta, porque experimentada, e além da qual é muito difícil para a maioria dos membros da sociedade movimentar-se, na maioria das áreas da sua vida (1979: 113)

Tanto os textos prioritariamente publicados em Sur durante o período – de caráter marcadamente existencialista – e também a metalinguagem de Sur, positivamente, supõem uma visão de mundo bastante clara: a necessidade de uma concentração no interior do indivíduo, e a crítica a sociedade de massas, que corrói a individualidade e, assim, as possibilidades de existência. Nesse sentido, a proposta peronista de um governo coeso e baseado nas “multidões” aparece para a Sur como uma *“pseudo-solução totalitária para o problema da não-integração”* (NEIBURG:1997:98). O peronismo é identificado pela Sur com a Argentina rural, e o cerne de sua crítica social, na qual podemos identificar o aprofundamento da crise oligárquica, é a transformação que Perón pretende efetuar do peão de estância em operário industrial: os *Cabecitas Negras*. Tal proposta de criação de uma classe social identificável e identificada com o governo define-se por oposição à antiga supremacia oligárquica: e assim os membros de Sur, dotados de uma visão cosmopolita de política e de mundo, tornam-se anti-pátria na perspectiva nacionalista de Perón.

---

interessante dos termos do americanismo apresentado em Sur.

A concepção exposta na Sur como conjunto conjuga elementos elitistas com a percepção de uma Argentina sob um processo de modernização que parecia não deixar nada em pé. A relação que a revista mantém com intelectuais como Waldo Frank e Ortega y Gasset é definidora, assim, da relação que a revista pretende manter com as concepções européias, notadamente aquelas influenciadas pela na época em voga teoria das massas. O postulado inicial em que, a priori, concordam tanto a elite quanto o dirigismo peronista pode ser baseado na proposta de que as massas não podem nem devem dirigir sua existência. Para esses intelectuais, o projeto peronista engendra uma realidade onde “já não há protagonistas, só há coro” ( GASSET: 1971: 51). A massa, afinal de contas, é o operário e é também o homem médio, incapaz de se abrir de fato a qualquer instância superior. Não é uma divisão em classes sociais, mas em classes de homens<sup>13</sup>. Nesse sentido, a Sur postula o peronismo como uma espécie de hiperdemocracia onde impera o direito à vulgaridade.

Sob muitos aspectos, podemos dizer que não há nada mais antigo do que a forma com a qual a elite intelectualizada liberal pretende ir de encontro ao novo. A racionalização prevista pela modernização do país, para esse grupo de intelectuais, teria que levar, através da educação, a uma moralização progressiva dos argentinos, que os tornasse capazes de participar do mundo ocidental de forma equânime. Todavia, o peronismo vem suscitar, nesses intelectuais, o medo e o temor diante da impossibilidade de sua própria existência, na medida em que, sob o peronismo, a opinião pública e a legitimação do poder do Estado não emanam mais dos intelectuais, e sim de um forte aparelho de propaganda de massa. Tal constatação, típica dos processos de modernização, como ressalta Tulio Halperín Donghi, põe em debate a própria função desses intelectuais, e nos revela a importância da reflexão sob esses aspectos. Para Touraine “*eles resistiram à produção, ao consumo e à cultura de massa que os privava do monopólio da palavra e lhes roubava as pretensões elitistas sob cuja proteção eles desenvolviam sua reflexão e conduziam também suas lutas*” (2009:168).

Assim, compreendemos, através da análise da atuação e das propostas de Sur até 1940, que existe de fato um projeto sociológico e político por parte desses intelectuais

---

<sup>13</sup> Gil Villegas, na obra *Los Profetas y el Mesias* (1996), rastreando a concepção filosófica de Ortega y Gasset em debate com Simmel e Lukács, aponta que o sujeito mesmo da obra de Gasset “A rebelião das massas” é a oligarquia, na medida em que o padrão dessa concepção elitista não se encontra nas massas nem no homem médio, mas sim no homem superior, o único capaz de empreender um embate interiorizado contra a cultura instrumental e objetivada da modernidade.

que é, ao mesmo tempo, uma defesa de suas próprias posições, um manifesto pela autonomia do indivíduo diante dos apelos populares que nortearam os totalitarismos europeus<sup>14</sup>. Na Argentina, de fato, essa preocupação de Sur está justificada, na medida em que a falência das instituições da democracia liberal aparecem cada vez mais expressas no número crescente de conflitos entre operários e classe média nas cidades, nas crescentes movimentações influenciadas pelos anarquistas italianos e, notadamente, na ocupação dos espaços públicos de Buenos Aires pela massa de imigrantes que chega à capital em busca de oportunidades.

A proposta iluminista de Sur, baseado na autonomia do campo intelectual, foi um dos pontos que mais aguçou os críticos da postura esteta da revista, na medida em que, no momento em que a Argentina passava pelo que foi, talvez, o processo político mais importante de sua história – a mobilização em torno da ascensão de Perón – Sur pretende deslocar o debate intelectual para questões que, na época, apareciam claramente em segundo plano no debate público.

Tal postura de Sur é muito discutida pelos intérpretes da revista, e remete ainda à uma discussão pontuada por Pierre Bourdieu quando este alerta para que “*as aspirações subjetivas tendem a ajustar-se às oportunidades objetivas*” (160), ou seja, a posição esteta de Sur pode também ser interpretada como uma proposta de luta pelo poder e uma posição bastante firme politicamente no sentido de garantir a livre iniciativa intelectual e a permanência das instâncias de consagração em que surgiu e na qual Sur sem dúvida ocupa uma posição protagônica. Dessa forma, na medida em que o público é o espaço do político, como pontua Hannah Arendt, e a Sur pretende agir no espaço público, não podemos despoja-la de suas conotações políticas, como se tentou durante tempo perpetuar na historiografia sobre o tema.

Nossa reflexão, portanto, se desenvolve como uma interlocução no sentido de compreender de que forma a crítica da elite letrada ao regime peronista é também a formulação de uma plataforma de resistência à alguns aspectos aparentemente irreversíveis da modernidade que, segundo Beatriz Sarlo, pareciam não deixar nada em pé, e forçaram a elite letrada argentina a encontrar novas fórmulas e novos espaços de participação nos anos posteriores ao peronismo.

---

<sup>14</sup> No sentido em que pontua Pierre Bourdieu, a função do intelectual na sociedade torna-se mesmo o princípio unificador do campo cultural.

## BIBLIOGRAFIA.

AGGIO, Alberto e LAHUERTA, Milton (orgs) Pensar o Século XX – Problemas Políticos e História Nacional na América Latina. São Paulo: UNESP, 2003.

ALTAMIRANO, C. Bajo el Siglo de las Masas. Ed. Ariel. Buenos Aires, 2001.

BAUMAN, Zygmunt. Legisladores e Intérpretes. Zahar. Rio de Janeiro, 2010.

BEIRED, Jose Luis Bendicho. Autoritarismo e Nacionalismo: O Campo Intelectual da Nova Direita no Brasil e na Argentina. Tese de doutorado apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 1996.

BOBBIO, Norberto e BOVERO, Michelangelo. Sociedade e Estado na Filosofia Política Moderna. Trad. Carlos Nelson Coutinho. 4ªEd. São Paulo. Brasiliense, 1996.

BOURDIEU, Pierre. As Regras da Arte. Gênese e estrutura do campo literário. São Paulo. Cia das Letras, 2002.

BOURIDIEU, Pierre. A economia das trocas simbólicas. São Paulo. Perspectiva, 1974.

CAPELATO, Maria Helena Rolim. Multidões em Cena: Propaganda Política no Varguismo e no Peronismo. Campinas: Papyrus, 1998.

CARVALHO, Eugenio Resende de. Pensadores da América Latina: o movimento latino-americano de história das idéias. Ed. UFG, 2010.

DEUTSCH, Sandra. Contrarrevolución em la Argentina, 1900-1932. La Liga Patriótica Argentina. Buenos Aires. Ed, Universidad Nacional de Quilmes, 2003.

DONGHI, Tulio Halperín. Uma Nación para el Deserto Argentino. Centro Editorial de América Latina. Buenos Aires, 1982.

FUNES, Patrícia. Salvar la Nación. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2006.

GERCHUNOFF, Pablo. A New Economy History of Argentina. Gerardo della Paolera. California, 2004.

GERMANI, Gino. Política e Sociedade numa Época de Transição. São Paulo: Mestre Jou, 1973.

GRACIARENA, Jorge. O Poder e as Classes Sociais no Desenvolvimento da América Latina. São Paulo: Mestre Jou, 1971.

GRAMSCI, Antonio. Cadernos do Cárcere. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 2000. vol. 2.

GRAMUGLIO, Maria Teresa. Sur: uma minoria cosmopolita na periferia ocidental.

Tempo Social, revista de sociologia da USP, v. 19, n. 1, SCIELO, 2007. Acessado em janeiro de 2011.

LACLAU, Ernesto. La Razón Populista. Buenos Aires. Fondo de Cultura Económica, 2005.

LACLAU, Ernesto. Política e Ideologia na Teoria Marxista – Capitalismo, fascismo e populismo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

MURMIS, M. E PORTANTIERO, J. C. Estudos sobre as origens do peronismo. São Paulo. Brasiliense, 1972.

NEIBURG, Federico. Os Intelectuais e a Invenção do Peronismo. São Paulo: EDUSP, 1997.

NOVAES, Adriana C. O Canto de Perséfone: o grupo Sur e a cultura de massa argentina (1956-1961). São Paulo. Annablume, 2006.

ORTEGA y GASSET, Jose. A Rebelião das Massas. Rio de Janeiro. Ed. Livro Iberoamericano, 1971.

PANIZZA, Francisco. “El Populismo como Espejo de la Democracia” (int.). Fondo de Cultura Económica. Buenos Aires, 2009.

PASTERMAC, Nora. La Revista Sur: un cierto americanismo IN CRESPO, Regina (coord.). Revistas en América Latina: Proyectos literarios, políticos y culturales. México, CIALC/Ediciones Eón, 2010.

RAMOS, Monica Peralta. Acumulación de Capital y Crisis Política em Argentina (1930 – 1974), Mexico. Siglo Veintiuno editores, 1978.

\_\_\_\_\_. La Economía Política Argentina: poder y clases sociales (1930 – 2006). Fondo de Cultura Económica. Buenos Aires, 2007.

REMOND, René. Por uma História Política. Ed. FGV. Rio de Janeiro, 1996.

ROCK, David. Argentina em el Siglo Veinte. Economía y Desarrollo político desde la élite conservadora a Perón. Lenguaje Claro Ed, 2009.

\_\_\_\_\_. (org). Argentina in the Twentieth Century. London. University of Pittsburgh Press, 1975.

ROMERO, J. L. Latinoamerica: las ciudades y las ideas. Ed. Siglo Veinteuno. Buenos Aires, 1976.

SABATO, Jorge. La Clase Dominante em la Argentina Moderna: Formación y Características. Ed. Imago Mundi. Buenos Aires, 1991.

SARLO, Beatriz e ALTAMIRANO, Carlos. Ensayos Argentinos – de Sarmiento a la Vanguardía. Buenos Aires: Ariel, 1997.

SILVA, Paulo Renato da. Victoria Ocampo e os Intelectuais de Sur: cultura e política na Argentina (1931-1955). Campinas: Unicamp, 2004.

SVAMPA, Maristela. El dilema argentino: civilización o barbárie – de Sarmiento ao revisionismo peronista. Buenos Aires: El Cielo por Asalto. [s.d.].

TERÁN, Oscar. "Ideas e intelectuales en la Argentina, 1880-1980" In TERÁN, O. (org.). Ideas en el siglo - intelectuales y cultura en el siglo XX latinoamericano. Buenos Aires: SigloXXI, 2004

TOURAINÉ, Alain. Crítica da Modernidade. Vozes, 2009.

VILLEGAS, Francisco Gil. Los Profetas y el Mesías. Fondo de Cultura Económica. Mexico, 1996.

WEFFORT, Francisco. A cultura e as revoluções da modernização. Rio de Janeiro. Cadernos do nosso tempo. Ed. Funarte, 2000.

WILLIAMS, Raymond. Culture and Society: 1780 à 1950. Penguin Books, 1976.

\_\_\_\_\_. Marxismo e literatura. Rio de Janeiro. Zahar, 1979.

ZAPIOLA, Marcos Gimenez (org) El Régimen Oligárquico. Materiales para el estudio de la Realidad Argentina (hasta 1930). Buenos Aires: Ed. Amorroutou, 1975.